**Resumo: Ingold, T. (2000). Evolving skills. Alas, poor Darwin: Arguments against evolutionary psychology, 273-297.**

O objetivo do ensaio é argumentar contra a tese da complementaridade, primeiro explicando como as três partes se interrelacionam para depois mostrar como outras teorias encaixam-se melhor para explicar o desenvolvimento de habilidades.

O primeiro ponto abordado pelo autor é em relação a biologia evolucionária, realizando um raciocínio lógico de que o componente ambiental não influencia as características gênicas, e embora o ambiente possa alterar a expressão de determinados genes, são apenas fenótipos alternativos do mesmo design básico. No segundo ponto, da ciência cognitiva, o autor contrapõe que ao invés de uma arquitetura mental pré-formada, que impediria a compreensão de novas informações, existiria, segundo outros pesquisadores, uma interação ao longo da vida de fatores endógenos ligados ao gene e exógenos, representados pelo ambiente. Em relação ao último ponto, a teoria da cultura, o autor faz um paralelo com os genes, no qual uma parte da cultura seria inata, e outra expressada ao longo da vida, o que não faz sentido, principalmente a aquisição passiva pelo organismo.

 Assim, a tese da complementaridade divide em três componentes básicos: genótipo, mente e cultura. O autor propõe que a dissolver essa separação pode ser benéfica, oferecendo um foco único e completo do chamado organismo-pessoa.

 A biologia do desenvolvimento oferece argumento para isso, mostrando que não há exatamente uma progressão linear de organismos biologicamente incompletos para indivíduos sociais completos, afinal, os organismos já são completos do começo ao fim da vida.

 Portanto, habilidades, como andar e falar, não são adquiridas do ambiente de uma forma que condiz com uma programação previa, mas sim, aprendidas dentro do ambiente com a anatomia, conexões neurológicas e musculatura necessária para o desenvolvimento da habilidade. A psicologia ecológica então refuta que a cultura seria simplesmente repassada, mas sim seria fruto de uma redescoberta guiada.

 A teoria antropológica da prática sugere que a cultura não seria simplesmente passada de um indivíduo a outro, mas entendida na prática, ou seja, praticada até o aperfeiçoamento. Nesse caso, a divisão de corpo e mente não faria sentido, entretanto, um conceito de organismo-pessoa completo seria melhor contemplado para explicar o processo, já que se precisa do corpo para determinadas ações, assim como se precisa da mente para atender a elas.

Como conclusão, o autor propõe que os organismos começam com um sistema em desenvolvimento, e humanos não nascem biológica ou psicologicamente iguais antes de serem diferenciados pela cultura, mas como lugares particulares de crescimento e desenvolvimento dentro de um campo contínuo de relacionamentos. De tal modo que o conceito de evolução torna-se mais topológico que estático.

**Questões: Barret, L. (2011). Babies and bodies. Chapter 10. Beyond the brain: How body and environment shape animal and human minds. Princeton University Press. pag 175-192.**

**Questão 1)** Nos seguintes trechos:

“The reason that babies stopped stepping was that, under natural conditions, they didn’t “practice” in the same way, and so the skill was lost owing to disuse”

“This may also explain why children in a number of non-Western cultures retain stepping behavior beyond 2 months and also walk earlier; 8 like the babies in the experiment, they are “trained” by their mothers and caretakers to adopt various kinds of upright postures and engage in various movements that help strengthen their legs.”

Podemos concluir então, que, se treinado involuntariamente com movimentação passiva dos membros por outra pessoa, os bebês humanos com mais de dois meses poderiam continuar com o comportamento de pisar, ou por não ser de forma voluntária a habilidade não seria corretamente assimilada?

**Questão 2)** Nesse trecho abaixo:

“Unlike walkers, who have experienced falling over a lot as they began to walk, and can detect the affordances of stable versus unstable surfaces, crawlers know no fear.”

Podemos inferir que bebês que engatinham não tem medo pois não experienciaram situações ruins em relação a engatinhar, diferentemente de andar, na qual a possibilidade de cair, assim, as crianças que já andam conseguem tomar decisões baseadas em vantagens e riscos. Esse processo descrito seria o mesmo princípio pelo qual em geral crianças novas sentem menos medo por não assimilarem o medo das consequências de determinada ação?

**Questão 3)** Observando o no parágrafo abaixo e nos subsequentes:

“Jean Piaget—who devised the test—found that 8–10-month-old babies would continue to reach for container A, despite watching the toy being placed in container B, whereas babies of 12 months or older didn’t make this mistake. Piaget thought this was because younger babies didn’t have an “object concept,” so they didn’t fully understand that the toy existed independently of their own perceptions and actions. “

O “conceito de objeto”, conforme descrito por Piaget seria o entendimento do espaço e tempo de que determinado objeto físico ocupa? O que seria necessário para o conceito de objeto ser formado? As experiências que passamos?

**Questão 4)** No parágrafo abaixo:

 “In this view, behavior is an actual constituent of a mind, and not simply an outward clue to what the “hidden mind” is doing, allowing us to avoid contracting “Cartesian disease.””

Lendo esse final de parágrafo, em especial esta última frase, pode-se pensar que ao invés apenas reagir a reações externas, o comportamento vem de dentro do próprio indivíduo?

**Questão 5)** No parágrafo abaixo:

“Redundancy is not without its costs, however. Possessing more than one way to extract the same information from the world is costly in terms of building the body parts needed and the energy they consume.”

Podemos inferir que a construção corporal dos animais, de alguma forma, está relacionada com esse sistema sensório motor e desenvolvimento de habilidades, apoiando-se em sentidos que seriam mais importantes para determinada espécie, como por exemplo, o olfato para cães, e de certa forma evitando a redundância em outros sentidos?

**Questão 6)** Em relação ao artigo: Evolving skills. Alas, poor Darwin: Arguments against evolutionary psychology, no parágrafo da teoria antropológica da prática, pelo que eu entendi a cultura seria a prática de determinada habilidade, mas e a parte que não envolve o refinamento de uma habilidade, como noções éticas? Elas não seriam simplesmente repassadas como o autor refuta?